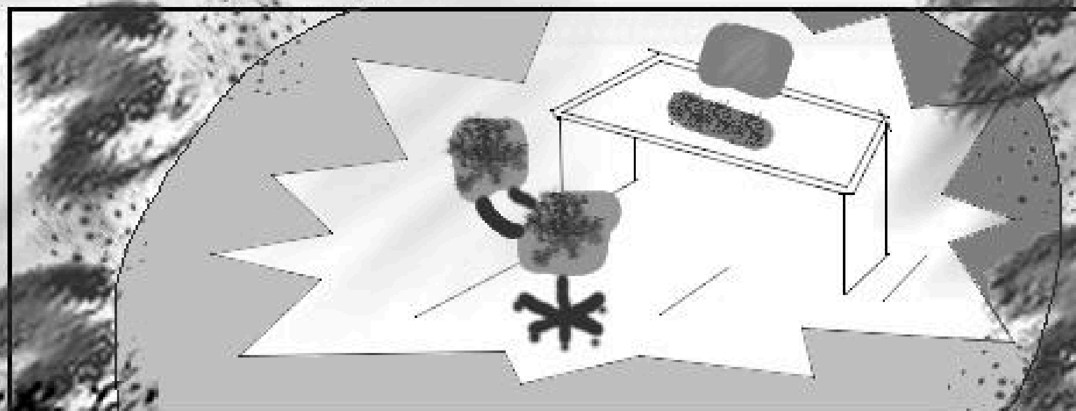
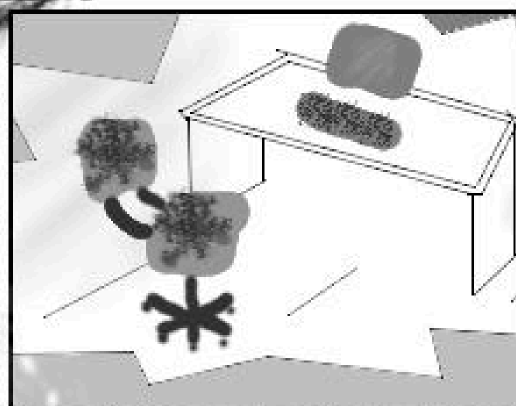
A ORIGEM

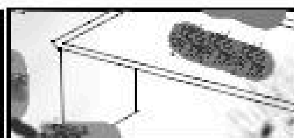


DAS CARGAS

As histórias sempre vêem...



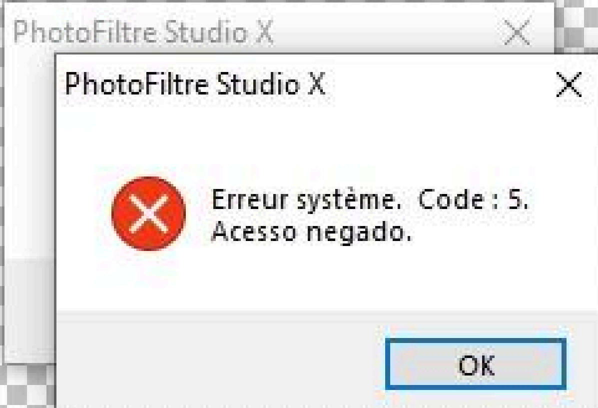




SIMPLESMENTE
SURGEM

DENTRO DE
OUTRAS HISTÓRIAS...

A história praticamente se conta sozinha...
A história praticamente se conta sozinha...

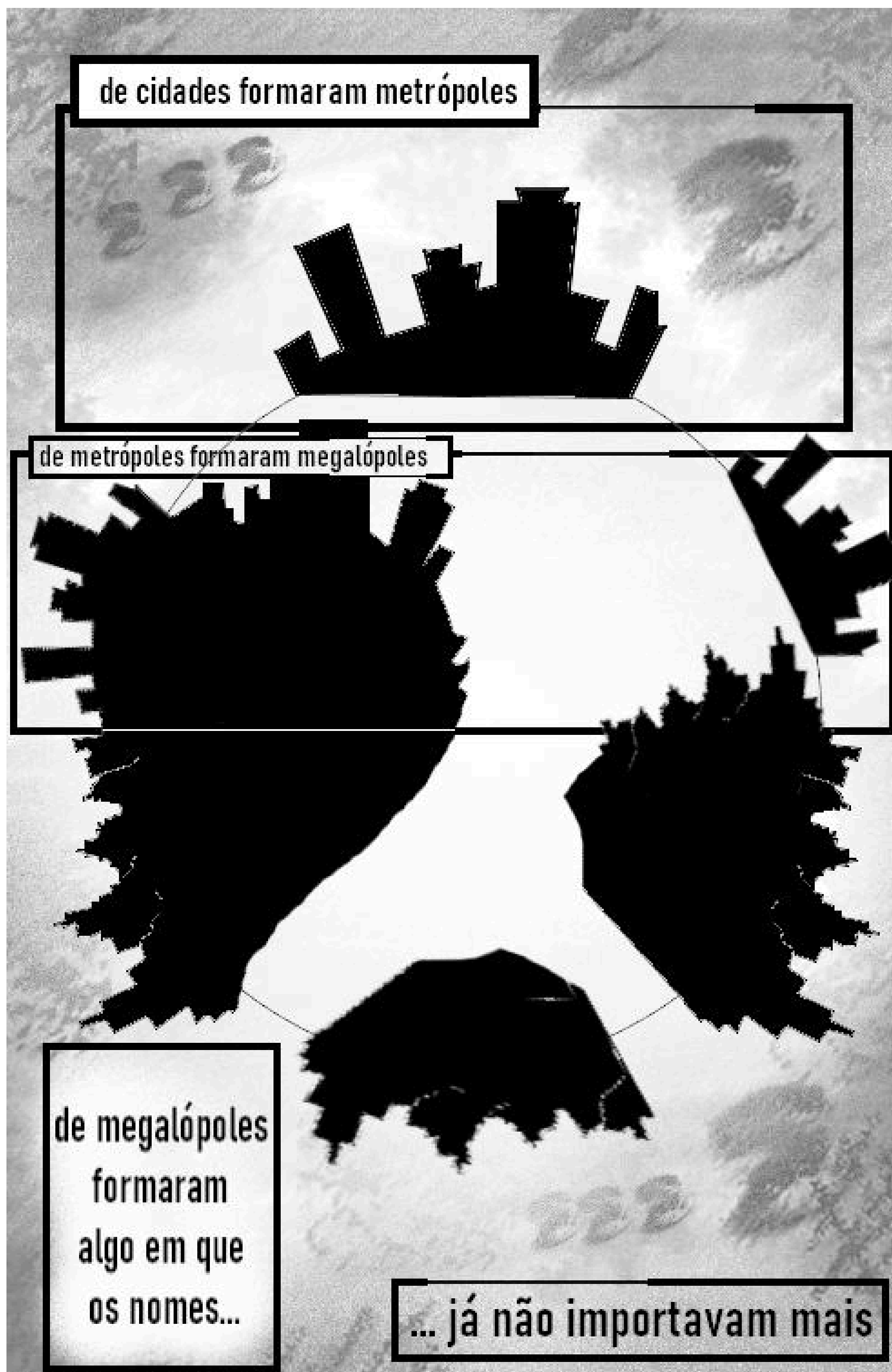


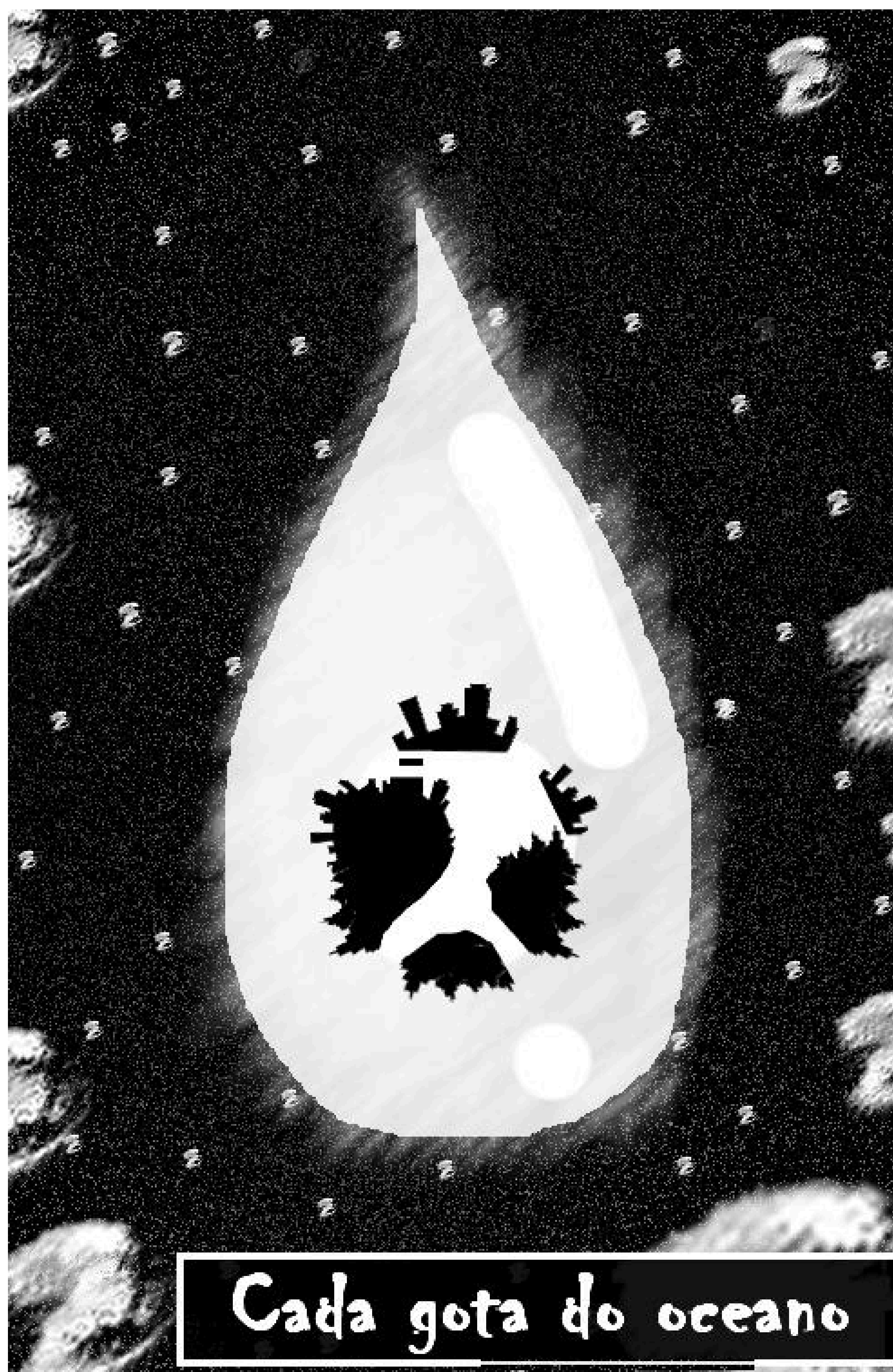
mas eventualmente é intermediada também, afinal...
mas eventualmente é intermediada também, afinal...

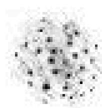


PORQUE NÃO?
PORQUE NÃO?

CH1LL3R 3RR3UR
CH1LL3R 3RR3UR


de cidades formaram metrópoles
de metrópoles formaram megalópoles
de megalópoles formaram algo em que os nomes...
... já não importavam mais


Cada gota do oceano

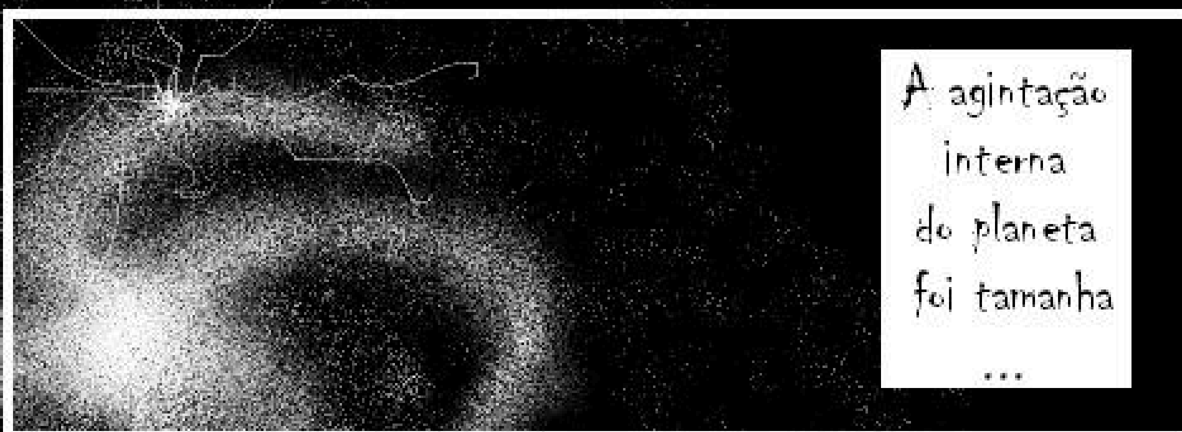


Cada grão de areia

TUDO

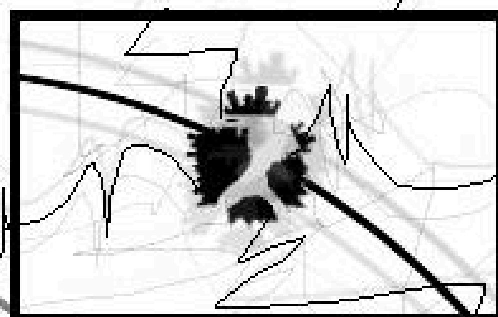
TUDO


Cada gota do oceano
Cada grão de areia
TUDO
TUDO
A simbiose com o planeta foi
COMPLETA!
COMPLETA!

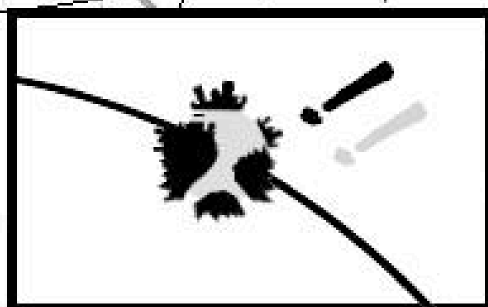


que reverberou pelas

Dessa fusão ocorreu
um curto-circuito



esse curto fez o planeta...



UM SER CONSCIÊNTE!

e com a energia e tecnologia que o compõe

junto a consciência que agora possui

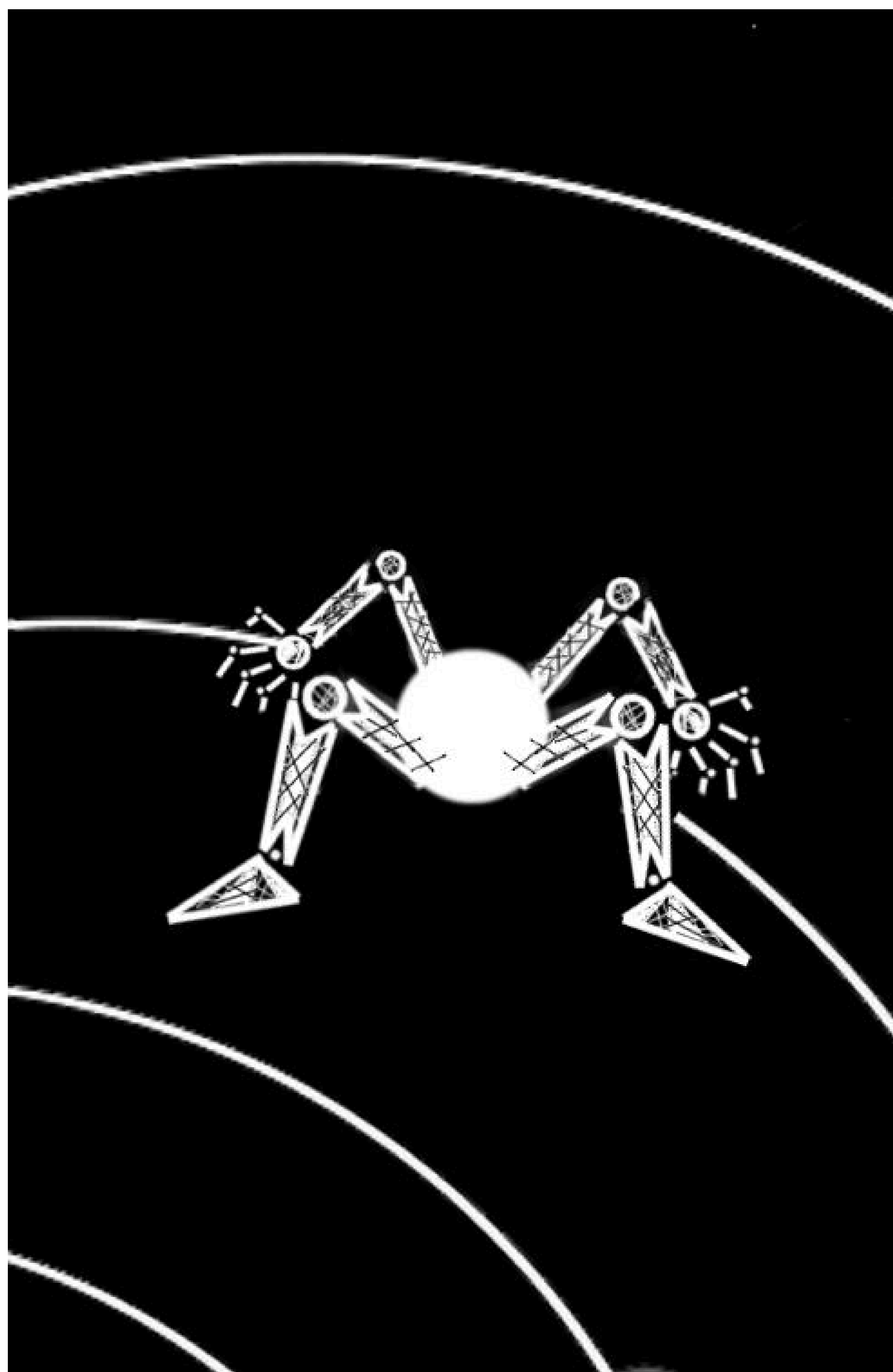
fez das cidades...

BRAÇOS!

E

PERNAS!


imediatamente
TIROU-SE DE ÓRBITA!!!




e partiu
a sós
para
sua própria
jornada.

(...)

De cidades formaram metrópoles, de metrópoles formaram megalópoles e disso para o qual os nomes não importavam mais.

A pólis se torna onipresente no planeta.

A cada milímetro cúbico de cada continente, até mesmo dos pólos, até mesmo os vulcões. A cada gota do oceano, até suas profundezas.

O processo de simbiose entre o planeta e a tecnologia onipresente nas pólis é consolidado.

Há um curto circuito como consequência dessa fusão. O planeta “desperta”, adquire consciência própria e com os meios que a tecnologia lhe permitiu criou braços e pernas para sair de órbita e reivindicar seu próprio trajeto.

Por contingência, as cargas que correm para gerar essa eletricidade que sustenta a simbiose entre o organismo vivo e a tecnologia onipresente também adquirem consciência. Mas desconhecem a origem dela.

Desacreditam de onde vieram e passam a seguir seu próprio rumo dentro das circunstâncias inevitavelmente implícitas a sua existência: gerar energia.

Para conviver com essa contradição de livre arbítrio e determinismo, criam uma sociedade que permeia entre esses dois polos para assim viverem sua consciência ao mesmo tempo que geram energia (mesmo que não mais acreditem para o quê). A justificativa sempre muda ao decorrer da história gerada e contada pelas próprias cargas, infelizmente nem todas elas, pois com a consciência surge o ego e com o ego surge a necessidade de expansão que levou as circunstâncias que essa sociedade enfrenta agora.

As cargas vivem segundo as leis do mundo quântico.

Mas o mundo quântico é muito confuso para a consciência primitiva. Como adquiriram a pouco tempo, não conseguem conciliar a sua percepção com sua natureza implícita. Logo a convivência um com os outros e a capacidade de perceber a si mesmo para reivindicar uma identidade e assim, diferenciar-se do próximo, dependeu de uma simplificação das representações probabilísticas que o mundo possibilita.

A consciência e a sociedade dessas cargas evoluíram com algumas limitações, como rodinhas de bicicleta para quem está aprendendo a andar. Para conseguir se expressar e compreender minimamente a realidade que lhe foram impostas, o tempo e o espaço foram suas rodinhas de sustentação para não se perderem em meio a infinidade de possibilidades que os compõem.

Nem todas as cargas concordaram com isso ao decorrer da história. Houve vários casos das quais treinaram para lembrar as capacidades que possuem. Foram reprimidas brutalmente. A estabilidade social dependia disso, as cargas não mais acreditavam em sua

origem, apenas lembravam que precisavam produzir energia. Desacreditando de sua origem, precisaram justificar com outros meios para o mesmo fim e faziam tudo que fosse preciso para isso.

Com o tempo, a sociedade foi ganhando mais força e os casos de reivindicar esses potenciais se tornaram menos presentes. Afinal as distrações externas já eram tão inúmeras quanto esses potenciais internos.

As cargas não acreditam que o planeta ganhou consciência. Essa história se tornou conto para as crianças.

As cargas acreditam que evoluíram sozinhas para a consciência e que inventaram todas as formas que carregam.

Para elas o que o planeta faz é desconhecido, para elas como o planeta interagem com elas é irrelevante. Não sabem e não querem saber. Por conta disso, pouco se sabe o que aconteceu depois que o planeta ganhou consciência.

Como também pouco sabem das suas potências implícitas, usam uma fração mínima deles para conseguir manter as limitações do ego que carregam como a sociedade que o sustenta e o estimula.

É proibido alterar suas formas mais do que as conhecidas e catalogadas. Os que os fazem vão para reformatórios ou clínicas de reabilitação. Hoje em dia, dizem que melhorou, mas a muito tempo na história eram simplesmente mortos. A sociedade teme o que uma carga pode fazer com as infinitas formas que possuem internamente.

As cargas descarregam essa energia acumulada de diversas formas, seja em sonhos ou em atos. Dos mais bonitos aos mais cruéis. A infinidade não pode ser parada por concepções limitadas, a vazão desse instinto é inevitável. Disso surgem obras de arte e guerras entre as cargas, mesmo que não compreendam o porquê fazem isso, o fazem até a morte.

Dizem os antigos que as cargas viviam para sempre.

Mas para a consciência limitada torna-se impossível lembrar-se de sua infinidade, senão aos poucos. E com o mesmo tempo que usam para se perceber, constataram que a longo prazo a subjetividade gerada por essa consciência aparentemente tinha de apagar memórias antigas para criar novas. Mantendo assim sua subjetividade, mesmo que fosse outra, o que não importava, pois já não se lembraria mais. Os grandes anciães e anciões conseguiam acessar a memória para além de sua subjetividade, ao mesmo tempo que eram considerados sábios, também eram considerados loucos. Para a maior parte das cargas, tentar lembrar-se disso é um ato que ameaça a própria subjetividade que não quer abrir mão, logo aderiram sem perceber a premissa de que sem sua subjetividade, sua existência também acaba.

Para a maioria das cargas é preferível simplificar as coisas: cargas vivem e morrem. Já é difícil demais viver com memória de uma vida só.

